



A CRIATIVIDADE VISUALIZADA ATRAVÉS DE BIOGRAFIAS E TRAJETÓRIAS SOCIAIS¹

CAMARGO, Maria Aparecida Santana²; DELLA MEA, Alex Sandro³; PIAS, Fagner Cuozzo⁴; FIUZA, Jaqueline⁵; EDLER, Marco Antônio Ribeiro⁶; WAYHS, Mariana de Oliveira⁷; MALDANER, Nilva Lopes⁸; PAUTZ, Silvia⁹

Resumo: O principal objetivo desta reflexão é entender melhor os princípios que regem a atividade humana criativa, que é científica, ao contrário do que alguns possam pensar, pois a existência de uma única categoria de criatividade é um mito. Assim, é indispensável evidenciar o quanto a criatividade está presente em todas as áreas do conhecimento, não só na seara da arte. Na tentativa de compreender a criação humana, esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico e caráter qualitativo, a qual foi sistematizada por um grupo de sete mestrandos integrantes do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Mestrado – da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ/RS).

Palavras-Chave: Cultura. Criação Artística. Estudos de Caso.

Abstract: The main purpose of this reflection is to better understand the principles that govern the creative human activity that is scientific, contrary to what some might think, since the existence of a single category of creativity is a myth. Thus, it is essential to highlight how creativity is present in all areas of knowledge, not only in the harvest of the art. In an attempt to understand the human creation, this is a survey of literature and qualitative nature, which was systematized by a group of seven members masters of the Post-graduate studies in Socio-Cultural Practices and Social Development - MSc - University of Cruz Alta (UNICRUZ/RS).

Keywords: Culture. Artistic Creation. Case Studies.

¹ Artigo produzido com base nas discussões realizadas na Disciplina de Estética e Manifestações Culturais, a qual integra a grade curricular do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Mestrado – da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ/RS).

² Doutora em Educação pela UNISINOS. Integra o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. Coordenadora do Núcleo de Conexões Artístico-Culturais (NUCART) e Líder do Grupo de Pesquisa em Estudos Humanos e Pedagógicos, ambos da UNICRUZ/RS. Artista Plástica. E-mail: cidascamargo@gmail.com

³ Mestrando do PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. Bolsista CAPES/PROSUP. E-mail: alexdelamea@yahoo.com.br

⁴ Mestrando do PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. Bolsista FAPERGS. E-mail: fagner_pias@hotmail.com

⁵ Mestranda do PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. E-mail: seduc.jaquelinifuza@gmail.com

⁶ Mestrando do PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. E-mail: medler@unicruz.edu.br

⁷ Mestranda do PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. Bolsista PROSUP/CAPEL. E-mail: fifamari@hotmail.com

⁸ Mestranda do PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. E-mail: nilvamaldaner@hotmail.com

⁹ Mestranda do PPG em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da Universidade de Cruz Alta. Bolsista FAPERGS. E-mail: silvia.pautz@hotmail.com



1 INTRODUÇÃO

Um aspecto que vem fazendo parte dos estudos no âmbito da Pós-Graduação refere-se à criatividade na sua interface com a interdisciplinaridade. Nos tempos em mudança que hoje se vivencia, é urgente desconstruir antigos conceitos e estereótipos a respeito do que seja a criatividade, revendo cânones da didática tradicional, visto que é absolutamente essencial refletir a respeito da compreensão estética que perpassa a academia.

O principal objetivo desta reflexão é entender melhor os princípios que regem a atividade humana criativa, que é científica, ao contrário do que alguns possam pensar, pois a existência de uma única categoria de criatividade é um mito. Assim, é indispensável evidenciar o quanto a criatividade está presente em todas as áreas do conhecimento, não só na seara da arte. Nesse entendimento, pode-se estabelecer conexões, pontes, *links* e criar elos com todas as disciplinas e áreas do saber. Dessa maneira, os conteúdos abordados tornam-se cada vez mais significativos, despertando a curiosidade, interesse dos acadêmicos e ampliando, com seu olhar estético e cultural, sua visão de mundo.

Na obra “Mentes que Criam” (1996), Howard Gardner reúne alguns de seus estudos sobre o fenômeno da criatividade nas realizações de seres humanos históricos, tais como o neurologista criador da psicanálise Sigmund Freud (1856-1939), o físico teórico Albert Einstein (1879-1955) que formulou as teorias da relatividade, Pablo Picasso, o pintor espanhol (1881-1973), Igor Stravinsky (1882-1971), o compositor russo, T. S. Eliot (1888-1965), o poeta e crítico literário, Martha Graham (1894-1991), a bailarina que criou uma nova forma de dança, e Mahatma Gandhi (1869-1948), o político indiano que desenvolveu técnicas inovadoras de resistência pacífica com reverberações mundiais.

Em termos de metodologia, esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico e caráter qualitativo, a qual foi sistematizada por um grupo de sete mestrados integrantes do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social – Mestrado – da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ/RS). Na tentativa de compreender a criação humana, o estudo foi realizado na disciplina de Estética e Manifestações Culturais, após leitura atenta da obra de Gardner, onde cada um se apropriou dos estudos de caso referentes aos já citados ícones. Realizada esta etapa, cada um expôs ao grupo o seu estudo e sintetizou o mesmo para compor as partes desta reflexão. Ao se analisar as descobertas



criativas realizadas por estas pessoas, certamente compreender-se-ão algumas facetas da criação humana.

2 FREUD: mente que alterou radicalmente o modo de pensar a vida psíquica

Sigismund Schlomo Freud, filho de judeus, nasceu em 1856, na pequena vila Morávia de Freiberg, situada ao nordeste de Viena. Enquanto criança demonstra sua inteligência através de suas atitudes. Em 1873, ingressa na Universidade de Viena, no curso de medicina. É partidário da "Filosofia da natureza", embora atraído pelas teorias de Darwin. Em 1876, Freud começa suas primeiras pesquisas no Instituto de Anatomia comparada do Professor Karl Klaus. Após, decidiu tornar-se um cientista natural, desistindo assim da Faculdade de Direito, fato que foi fundamental para o complemento de seus estudos. Neste mesmo ano, ingressa como aluno pesquisador no Instituto de Filosofia do Professor Ernst Brücke, primeiro mestre de Freud, juntamente com Jacob, convence Freud a abandonar a carreira de pesquisa pura. Saindo então do laboratório, e já formado em Medicina (1881), Freud ingressa no Hospital Geral de Viena.

Trabalha de início em várias especialidades e firma relações com Meynert, especialista em anatomia do cérebro. A princípio são afinidades amistosas, porém quando Freud, mais tarde se interessa pelas causas da histeria, contrárias aos conceitos vigentes na Neuropatologia da época, ocorrem desavenças teóricas. Em 1885, o estudioso foi à Paris, interessado em conhecer os trabalhos de Charcot, um nome que "resplandecia ao longe, dentro da Neuropatologia" e desenvolvia pesquisas sobre histeria. Entusiasmava-se com essa concepção de histeria e com o tratamento hipnótico do qual se torna defensor. Então, ao lado do seu professor continuou a difundir suas ideias.

Em março de 1886, o médico abre seu consultório, tendo como clientela principal, os neuróticos e usa como tratamento a hipnose. No mesmo ano casa-se com Martha Bernays, de quem estava noivo há quatro anos. Nesse período estava em curso uma amizade, que viria a ser significativa na vida dele. Nos anos em que trabalhou no laboratório de Brücke, Freud conheceu Joseph Breuer, fisiologista e médico de sucesso, a quem passou a admirar e que tornou-se seu amigo. Porém, o desenvolvimento da Psicanálise viria separar Freud de seu quarto mestre, também por desavenças teóricas. Apesar das discordâncias de ideias, os dois escreveram juntos uma obra chamada "Estudos sobre a histeria".



Em 1887, o psicanalista conhece Wilhelm Fliess jovem médico com o qual manteve uma correspondência quase diária por anos. Fliess era um otorrinolaringologista de Berlim, interessado em descobrir a relação entre certas doenças e a sexualidade. Freud ao desenvolver a teoria da Psicanálise viria a ter mais inimigos e menos amigos do que gostaria. Fliess passou a ser o amigo de que Freud precisava, pois ele era ouvinte, confidente, incentivador, companheiro e não se chocava com nada. Fliess demonstrava uma sólida compreensão das teorias de Freud e dava-lhe apoio e ideias, inclusive acerca da teoria da sexualidade infantil. Dentre elas: a histeria, as obsessões e fobias, neuroses, o fenômeno da transferência, a teoria da sexualidade. Freud, por essa época, andava "atormentado" com sua "Psicologia para neurologistas".

No ano seguinte, morre seu pai Jacob. Sigmund é profundamente afetado. Nessa época fala pela primeira vez de noções do aparelho psíquico, de pré-consciente, zonas erógenas e elabora quase definitivamente a psicologia do sonho. Em 1897, abandona a teoria da sedução e fornece o conceito de "libido". Começa sua autoanálise sistemática, buscando suas recordações de infância. Anuncia a descoberta do complexo de Édipo. Em 1898, fala pela primeira vez da existência de uma sexualidade infantil autônoma, e troca a técnica da hipnose pela das associações livres. Em 1899, decide publicar seu livro sobre os sonhos. Em 1900, trabalha a teoria da sexualidade e do libido. Analisa seus lapsos, esquecimentos, atos falhos, escolha de números e pseudônimos.

Neste ano, lança o livro que divulgaria a Psicanálise - A Interpretação dos Sonhos - (autoanálise). Um dos benefícios desse diagnóstico foi desvendar a necessidade que tinha de um "mestre". Foi pela interpretação de um sonho que Freud pode superar de modo definitivo a falta de um mestre. "Não preciso de professores. Cabe ao meu verdadeiro pai me ajudar. Na verdade, não quero ninguém acima de mim. Salvo aquele que me fez" como consta nas palavras de Freud (1901 apud Gardner, 1996, p. 58). Torna-se professor e organizador de uma instituição voltada à divulgação da Psicanálise e à formação de analistas.

Na compreensão de Gardner (1996) Freud foi um médico que alterou radicalmente o modo de pensar a vida psíquica. Ousou colocar os "processos misteriosos" do psiquismo, suas regiões obscuras, isto é, as fantasias os sonhos, os esquecimentos, a interioridade do homem, como problemas científicos. A investigação sistemática desses problemas levou Freud à criação da Psicanálise, o estudo do inconsciente. Freud e Breuer trabalharam juntos em alguns casos como o de Anna O, um dos mais conhecidos de sua obra. Após terem captado totalmente a confiança do paciente, levavam-no a relatar seu passado em estado normal.



Dentre muitas observações, pode-se notar o fenômeno da transferência afetiva. Freud foi modificando a técnica de Breuer; abandonou a hipnose, porque nem todos os pacientes se prestavam a ser hipnotizados. E com isto foi nascendo o Método Psicanalítico, a associação livre.

3 EINSTEIN: o homem que deu novas dimensões ao mundo físico

Albert Einstein nasceu em Ulm, Alemanha, em 14 de março de 1879 e faleceu em Princeton, Estados Unidos da América, em 18 de abril de 1955. Foi desde criança um investigador dos mistérios inerentes à física. O espírito inquiridor e investigativo de Einstein acompanhou-o desde muito cedo. Gardner (1996, p. 74) cita que, quando jovem:

[...] ele fazia perguntas corajosas e depois refletia profundamente sobre elas. [...] Essa tendência a imaginar e refletir sobre enigmas persistiu. Quando o Einstein mais velho era regularmente consultado sobre questões cosmológicas, ele continuava a fazer a pergunta perturbadora de se Deus ousaria jogar dados com o universo.

É recorrente na maioria das obras a respeito de Einstein a exposição desta expressão a respeito de Deus jogar dados no sentido de que a criação, o Universo e sua mecânica, não poderiam ser fenômenos aleatórios, mas que existiria uma ordem física/matemática que explicaria qualquer fenômeno da natureza, aliás, já observada por Isaac Newton.

A respeito desta aproximação com a espiritualidade, quando se depara com biografias de Einstein, normalmente existem referências à sua relação com a religião ou a religiosidade. Seus próprios textos muitas vezes também usam estas referências. Sua origem é judia e, segundo Gardner (1996, p.76), “Como várias famílias judias emancipadas da época, os Einstein manifestavam pouco interesse pela religião organizada; eles se consideravam ‘livres pensadores’”.

A despeito desta situação, o autor pondera que Einstein assumiu a religião, a crença em Deus e o cumprimento dos rituais e especula que tal atitude talvez advenha de seu interesse em buscar respostas para questões fundamentais e “de se colocar em oposição à sabedoria convencional”, já que professava o judaísmo enquanto frequentava uma escola católica. Acima de tudo o que propôs e realizou, o grande legado de Einstein foi o do pensamento lógico e aprofundado, mesmo que não houvesse evidências observáveis para elucidar tal lógica. Em uma passagem de seu texto, Gardner (1996, p.92) descreve que:



O procedimento padrão na ciência física é fazer observações ou coletar dados sistemáticos e, a partir daí, derivar princípios e teorias. Einstein estava essencialmente invertendo esse procedimento. Operando num nível mais elevado de abstração, ele estava afirmando leis básicas da física [...] e criando inferências empíricas e vínculos com outras leis a partir desses princípios básicos.

O que se retira desta citação talvez seja a melhor definição da criatividade e genialidade não só do Einstein cientista, mas de toda sua história de vida. Suas deduções e teorias partiram quase sempre apenas de um pensar privilegiado, utilizando-se muito mais da ferramenta mais básica da física, a matemática, do que em observações dos fenômenos teorizados até porque, muitos deles, não permitiam uma comprovação em função da tecnologia disponível em sua época. Algumas deduções de Einstein só puderam ser comprovadas após sua morte e outras ainda hoje não se têm como observá-las. A esse respeito, existe uma passagem curiosa em que Einstein teria sido questionado sobre a possibilidade de não ser correta sua afirmação de que luz é matéria e então o cientista teria respondido que, infelizmente neste caso, o bom Deus estaria errado.

Ao se discorrer sobre Einstein parece de grande importância a visualização do homem além do cientista. Embora permanentemente imerso na ciência, Albert Einstein foi um homem envolvido na causa da paz mundial. Lamentavelmente, suas teorias acabariam indiretamente auxiliando na criação de novas e poderosas armas de destruição em massa. Apoiou o sionismo e condenou as formas de autoritarismo que surgiram na Europa no período da Primeira Guerra Mundial. Apesar de condenar o belicismo, Gardner (1996, p.100) descreve que “Uma vez que os hitleristas iniciaram uma guerra que ameaçava a civilização ocidental, este eterno pacifista imaginou que os Aliados teriam de travar uma guerra total”. A obra de Einstein continua ainda hoje sendo analisada, discutida, esclarecida, principalmente com o surgimento da física quântica que sugere novas possibilidades às teorias da relatividade e à mecânica newtoniana. Neste sentido pode-se esperar que Einstein seja uma referência ainda por muito tempo.

4 PICASSO: a composição da genialidade

Uma mente genial, fascínio pelos seres humanos, incentivo do pai, talento natural ou produto da História? O que fez de Picasso um prodígio? Certamente foi a combinação de todos esses fatores, mas a sua genialidade poderia ter sido bloqueada na escola tendo em vista



que não se adequava e/ou não concordava com o sistema. Segundo Gardner (1996, p. 115) Picasso enfrentou grandes barreiras para aprender a ler, escrever e calcular. Além disso, não gostava da escola e era um aluno disperso, distração que possivelmente ocorria devido a sua forma fantástica de ver o mundo.

A sua compulsão pela experimentação em contraposição aos padrões clássicos, sua captação diferenciada da realidade circundante, a maneira de fragmentar e distorcer as formas são características marcantes do pintor, inscritas em sua personalidade desde a infância e que resultaram no Cubismo. Se essa inquietude tivesse sido calada na escola, talvez hoje o mundo não conhecesse *Les demoiselles d'Avignon*, *Guernica*, *Weeping Woman*, entre tantas outras. Em relação ao comportamento diferenciado de Picasso, Gardner (1996, p. 117) entende o quanto é provável que:

[...] sua inclinação a experimentar seja mais um fator endógeno: um fator que surge de um temperamento que busca excitação, do puro prazer de trabalhar com o ambiente, de uma confiança nos próprios poderes, e, talvez de modo menos feliz, da assincronia entre a facilidade no meio artístico e as dificuldades nas práticas escolares padrão.

O sucesso precoce de Picasso e sua versatilidade resultam de diversos fatores que partem desse espírito rebelde, mas sua prodigiosidade tem raízes ainda mais complexas, surge também da sua relação com a exterioridade. Sua busca pelo aprimoramento, a não aceitação dos padrões acadêmicos, as dificuldades que passou no início de sua carreira, a sua experiência com a morte do amigo suicida e a tentativa de assassinato da amante que compartilhavam, todas essas experiências de vida compõem a genialidade do artista, mostrando que essa genialidade humana é fruto de uma busca incessante e não de um talento inato.

A energia e capacidade criativa do prodígio têm origem em suas vivências, ainda mais quando o assunto é Picasso. Os tumultos na vida familiar e amorosa, suas diversas amantes, as experiências turbulentas com a política parecem garantir a fecundidade no trabalho. Gardner (1996, p. 146) ressalta que é possível “ver na vida de Picasso não apenas uma sequência [sic] regular de novos lares, amantes, filhos e escapadas de verão, como também um fluxo regular de novos estilos de trabalhos definidores”.

O gênio, dessa forma, é dotado de talento, mas interpelado pela História e concretizado a partir de sua busca pessoal pelo aprimoramento. Pablo Picasso é a prova de que a construção da genialidade vai muito além do individual, cada tijolo desse processo



representa uma experiência vivida em um contexto social. A decomposição da figura humana proposta pelo Cubismo é indício disso, talvez revele a incompreensão de um sistema universalizante do qual jamais se enquadrou: a escola.

5 STRAVINSKY: uma vida além da música e um casamento (im)perfeito com Diaghilev

Um dos compositores mais respeitados da história da música, o russo Igor Stravinsky teve uma longa vida, com mais de 80 anos, praticamente toda ela dedicada à música, mais que isso, dedicada à criação musical, à composição, sobretudo de memoráveis peças para balés, como *The Firebird*, *Petrouchka* e *Le Sacre du Printemps*.

Nascido em 1882, em Oranienbau, na Rússia. Stravinsky foi o terceiro de uma prole de quatro filhos de uma família de proprietários rurais. Passou parte de sua infância, sobretudo os invernos, em São Petersburgo. O pai era também advogado e funcionário público e Stravinsky também teve formação jurídica, o que, mesmo não gostando da escola de advocacia, parece ter sido também decisivo para o curso de sua vida artística e política.

Seu encanto com a música começou ainda cedo, tendo em vista que o pai era baixista de ópera e também ator. Daí também o gosto obsessivo de Stravinsky de compor para balé. Desde o início da sua vida musical o compositor demonstrou interesse pela improvisação. A música parece que definitivamente faria parte da vida do jovem Igor, desde seus primeiros estudos até um encontro decisivo aos 20 anos com Nikolay Rimsky-Korsakov, o qual passou a supervisioná-lo. Teve muitas idas e vindas na sua relação com Korsakov, especialmente por se mostrar um rebelde, ansioso por construir seu próprio rumo e estilo musical, um tanto diverso do seu mestre. Porém, um encontro decisivo aconteceu na vida de Stravinsky. Em 1909, logo após um concerto ele conhece um advogado que se tornara empresário, após frustradas tentativas como compositor. Trata-se de Serge Diaghilev, pessoa que passa a ter uma influência fundamental na vida e na criação de Igor Stravinsky. Um casamento que dura pouco mais de 20 anos e que foi decisivo para a história e a carreira do grande compositor.

Diaghilev passa a ser mais que um empresário para organizar a agenda e a carreira de Stravinsky. Passa a fazer parte inclusive do processo criativo das composições. Com um vasto conhecimento tanto da cultura russa, como da Europa ocidental contemporânea, ele influencia decisivamente a carreira do músico. As obras que impulsionaram a carreira de Stravinsky, os balés *The Firebird* e *Petrouchka*, contaram com a participação definitiva de Diaghilev, não somente na parte organizacional do trabalho, mas também com preciosas colaborações na



construção artística dos espetáculos. Stravinsky, ao longo de sua carreira contou com a colaboração de muitos artistas de renome em vários campos das artes, do poeta Sergei Gorodetsky ao pintor Pablo Picasso, passando por relevantes nomes da música, do balé e do teatro. Com todos eles, o compositor manteve relações diversas, da mais pura admiração e respeito ao mais profundo desprezo e conflito, expressos às vezes publicamente de uma forma seca e muito direta com era o seu estilo.

O músico viveu intensamente sua arte. Fez dela o impulsionador de todos os passos da sua longa vida. Nascido na Rússia Czarista, mudou-se posteriormente para a França, depois à Suíça e, finalmente para os Estados Unidos da América. Em que pese as enormes diferenças culturais desses países parece que a linguagem musical da obra de Stravinsky permitiu-lhe um pleno entendimento de todas essas culturas, vivendo o cotidiano de cada uma e criando praticamente até a morte. Mesmo tendo rompido com Diaghilev depois de mais de 20 anos de intensa parceria criativa e buscando novos horizontes para sua arte, Stravinsky reconhece já no fim da vida a importância do grande parceiro e impulsionador da sua expressiva carreira de sucesso. Prova de amor ao grande companheiro é o pedido para ser enterrado em Veneza, bem próximo de onde jaz também o corpo de Diaghilev.

O homem que afirmou que “A música, por sua própria natureza, é impotente para expressar qualquer coisa”, depois de uma longevidade dedicada intensamente à criação musical deixa um legado revolucionário na composição musical e cênica, sobretudo do balé, para dar forma e sentido a uma espécie de razão criativa que ilumina o universo emocional da criação artística até os dias atuais.

6 ELIOT: um novo olhar para a poesia

Thomas Stearns Eliot, poeta modernista, dramaturgo e crítico literário inglês. Foi autor do famoso poema publicado em 1922, “*The Waste Land*”. Nasceu na década de 1880 nos Estados Unidos em St. Louis e, após se estabeleceu na Inglaterra. Eliot veio de uma família burguesa que valorizava muito a arte e, conseqüentemente criavam muitas expectativas em relação à formação intelectual do jovem.

Eliot sempre foi cercado por muitas mulheres, doentio e sensível. Em função disso, era muito protegido pela mãe. Por outro lado, reconhecido como inteligente e talentoso desde sua infância, pois de acordo com Gardner (1996), ao descobrir as palavras e impressões sensoriais ficava encantado com o ritmo das frases, cheiros, barulhos de barcos e das diversas



imagens. Essa habilidade manifestada quando era criança, é lembrada mais tarde, quando captura subsídios da sua memória para produzir poemas. Conforme as ideias do mesmo autor (1996, p.186), “o jovem Eliot tinha uma excelente memória linguística, editava seu próprio jornal na escola, escrevia estórias náuticas, versos sem rima e versos mais sérios na época em que era adolescente”. Era um aluno que escrevia muito bem e lia fluentemente em vários idiomas, porém apresentava dificuldades na Física, o que evidenciava sua habilidade para a área humanística.

O poeta estudou na Universidade de Harvard, no início do século XX. Ele percebeu que a literatura americana era vazia, sem emoções ao retratar os problemas sociais da época visto que os Estados Unidos era considerado um país com poucas produções significativas nas artes. Gardner (1996) destaca que em um determinado evento da educação Eliot encontra um livro de Arthur Simon, *The symbolist movement in literature*. Tal obra despertou sua atenção para a poesia francesa, ou seja, para as contribuições dos estudos de Laforgue que aborda sobre as diferentes vozes para retratar o sofrimento. Eliot passa a desenvolver mais a sua sensibilidade quando perpassa pelos lugares que enfrentam dificuldades em Bostan. Essa experiência representava para ele uma mudança de sentimentos. Então, como gostava de realizar estudos filosóficos, ele buscou relacionar tais conhecimentos com as diversas sensações sentidas sobre a vida e a sociedade, ou seja, passou a dar voz aos sentimentos de uma geração alienada.

O auge do seu ofício foi em 1900 quando tornou-se celebridade internacional na literatura por ter produzido um trabalho inovador para o período. Foi considerado mestre artístico da era moderna com a ajuda de Ezra Pound e Vivien Eliot, sua esposa, os quais fizeram revisões e ajustes no poema *The Waste Land*. No manuscrito com quase mil linhas, o escritor se apresentava em estados mentais momentâneos, ora com um humor envolvente ora preocupado com temas de morte, perda e passagem do tempo, o que representa a variedade de pensamentos que perturbavam o jovem ou que ocupavam a mente moderna dos cultos.

Para Gardner (1996), o escritor não foi muito produtivo, pois parou de produzir poesias antes dos cinquenta anos, mas seguiu a dramaturgia e como crítico literário. Já na vida pessoal os fatos se coincidem, ou seja, há um declínio no seu trabalho e no seu casamento. Certo do trabalho significativo que tinha realizado entregou a obra a John Quinn, um agente americano, que o representava nos Estados Unidos. Porém, seu amigo faleceu no ano posterior e assim, a obra foi perdida. Apenas em 1968, o poema foi encontrado na Biblioteca Pública de New York. Fato que esclareceu a razão dos jovens americanos Eliot e Pound se



preocuparem com as causas da decadência ou ausência de valores da sociedade, após a Grande Guerra. Esses dois estrangeiros em solo inglês, em especial, Eliot contribuíram para o avanço da arte em âmbito internacional.

O poeta raramente se mostrava autoconfiante, mas conseguiu aliar o seu estudo filosófico com a polifonia e assim, criou um novo olhar para a poesia ainda não explorado. Era um intruso, um estrangeiro quando refletia sobre quem ele era em outro país e sobre o importante papel que representava na corrente inglesa. Na compreensão de Gardner (1996, p. 203) o escritor “atreveu-se fazer da virtude uma necessidade” assim como Martha Graham, a próxima a ser analisada, que também se desarticulou dos métodos tradicionais da dança, a fim de explorar as formas do corpo.

7 GRAHAM: a bailarina que dançou até a velhice

Em 1916, com vinte e dois anos de idade, Martha Graham matriculou-se num curso de verão na Denishawn, escola de dança de Ruth St. Denis e seu marido Ted Shawn, situada na cidade de Los Angeles. St. Denis não aceitou Martha Graham em sua turma, pois a julgava inexpressiva. Assim, a nova aluna ficou ao encargo de Shaw. De acordo com Gardner (1996), Graham era tímida e quieta, mas logo brilhou no grupo de dança aprendendo rapidamente difíceis estilos e técnicas. Muito esforçada, trabalhava sozinha até tarde da noite e aprendia os passos de dança simplesmente observando. Rapidamente tornou-se uma bailarina destacada, instrutora de grupo e estrela emergente da Serenata Morisca, sensual cigana. Graham atingiu o estrelato dançando em toda a América e na Europa.

Rapidamente tornou-se uma estrela da Broadway, e depois ingressou na Eastman School of Music em Rochester, onde com Esther Gustafson, dirigiu um novo departamento de dança, onde tinha alunos e posição. Graham estava à procura de uma abordagem que resumisse seus desejos e valores, no entanto não conseguia caracterizar. Após, ver um quadro do pintor russo Vasily Kandinsky, que representava uma mancha vermelha sobre um fundo azul decidiu que dançaria assim. No dia 18 de abril de 1926, Graham realizou a primeira apresentação de sua pequena companhia de dança na cidade de Nova Iorque, fato que representou um marco na carreira. Para realizar este espetáculo, Graham economizou um ano inteiro e ainda contou com uma contribuição de mil dólares. As primeiras danças não foram filmadas e pouquíssimas estão disponíveis ao público, pois Graham preferia ser lembrada pela impressão de uma única apresentação.



Graham e seus associados estavam criando o domínio da dança moderna, com o objetivo de capturar a energia, a dinâmica e o espírito social do país e essencialmente o das cidades. Os dançarinos modernos introduziram temas lidando com a vida moderna, a injustiça social e o relacionamento entre o homem e a mulher. Neste período, Louis Horst, por quem Graham era apaixonada, passou a compor para suas danças. Em 1930, a bailarina muito insatisfeita em repetir-se, visitou as terras nativas americanas no Novo México e ficou impressionada com a proximidade dos índios com a terra, a importância da vida espiritual e com a maneira como a visão indígena se mesclava com a cultura espanhola e cristã. Graham adorou os vastos desertos com arbustos de Artemísia, os amplos espaços cheios de luz, a pele escura das pessoas. Graham estava constantemente surpreendendo sua audiência com um novo começo em cada trabalho. Ela estava sempre preparada para assumir riscos, mesmo que pudesse ficar arrasada com as críticas.

Em 1950, a companhia de Graham viajou para a Europa em sua primeira turnê internacional. Em Paris, Graham se machucou e ficou dois anos sem dançar, desfez a companhia por um período e mergulhou numa longa e grave depressão. Graham parecia estar completamente sozinha e passou a ser cercada por pessoas que precisam dela ou de seu prestígio e nas quais não poderia confiar.

Por 70 anos Marta Graham dançou, coreografou, desenvolveu técnicas, estilos, teorias e filosofias de trabalho adotando um esquema de uma apresentação anual com sua companhia. Nos anos seguintes, entre 1947 e 1969, Graham criou treze papéis para ela mesma. Os últimos trabalhos podem ser classificados em duas categorias: peças teatrais mais pesadas a respeito de uma figura heroica expondo a alma e peças leves de fantasia poética incluindo algumas que zombavam de seu primeiro trabalho. Os trabalhos criados antes de sua aposentadoria revelam uma espécie de nostalgia por seus poderes perdidos, onde Graham se colocava no centro da ação, mas quase imóvel. A vida pessoal e profissional de Graham estava em crise: várias de suas melhores bailarinas e alguns de seus mais talentosos colaboradores haviam partido. Graham se sentiu verdadeiramente sozinha.

Após a aposentadoria, em 1973, Marta anunciou que estava reassumindo como diretora de sua companhia. A *Martha Graham Dance Company* era na época a instituição teatral mais antiga do país. Graham assumiu integralmente a companhia e começou a coreografar sem se considerar a figura mais importante da sua coreografia. As últimas danças incluem *The Owl and the Pussycat*, uma paródia dos clássicos de Graham com animais representando vários de seus personagens e a última peça *Maple Leaf Rag*, 1990, uma paródia



das fraquezas humanas. Além de criar danças para os outros, Martha Graham continuou ativa de outras formas como a preleção, escrevia artigos ocasionais e permitia filmagens de sua companhia de danças, vindo a falecer em 1991.

8 GANDHI: estratégias inovadoras de resistência pacífica

Mohandas K. Gandhi nasceu duzentos e cinquenta anos depois que os britânicos começaram a controlar a Índia, em 1869. Gandhi, como ficou conhecido, viveu em uma sociedade bastante conservadora em questões políticas e religiosas. Conforme Gardner, (1996) Gandhi julgava muito improvável assumir algum dia uma posição de liderança nacional, na medida em que sua família vinha de uma cidade pequena e possuía recursos materiais e sociais limitados. Contudo, Gandhi estabeleceu um tom moral elevado, sendo fortemente afetado por uma amizade juvenil com um mulçumano chamado Sheikh Mehtab, que, conforme Gardner, o convenceu a violar os princípios hindus, além de rebelar-se contra os princípios de seu povo.

Gandhi foi convencido por um amigo da família, Mvji Dave, a viajar para a Inglaterra para se tornar um advogado. Porém, o líder de sua comunidade, censurou-o, considerando que “sua proposta de ir para Inglaterra não é adequada. Nossa religião proíbe viagens para o exterior. Nós também ficamos sabendo que não é possível viver lá sem comprometer nossa religião. A pessoa é obrigada a comer e beber com europeus”. De acordo com a compreensão deste autor, Gandhi prometeu manter as práticas hindus e tentou defender sua decisão, sem êxito, porém, seu líder, incisivamente ordenou: “A partir de hoje, este jovem será tratado como alguém que não pertence à nossa casta. Quem o ajudar ou for despedir-se dele nas docas será castigado com uma multa de uma rupia e quatro anás”.

Diante deste contexto, Gandhi passou a apreender práticas, comportamentos e sistemas legais europeus, não ao ponto de poder “passar por” um inglês, mas sim ao ponto de um dia poder ficar em termos de igualdade com indivíduos de todas as partes do mundo. O político indiano aproveitou a situação para absorver imensas quantidades de material escrito, assim como generosas doses de experiência vivida. Conforme Gardner (1996), ao chegar à Inglaterra, Gandhi, conhecia apenas uma pequena parte do país e uma minúscula amostra das ideias religiosas do mundo, mas partiu como uma pessoa relativamente familiarizada com o centro da civilização europeia, que lera imensamente, estivera exposto a uma ampla série de opiniões, com indivíduos de diversos países e *backgrounds*.



Na África do Sul, Gandhi, na condição de advogado, foi bem-sucedido nos seus primeiros encontros legais, reafirmando assim sua impressão de que o compromisso e a reconciliação seriam mais efetivos do que a exploração das fraquezas do adversário. Gandhi passou a maior parte das duas décadas seguintes envolvido em lutas políticas nesta localidade.

Assim, conforme Gardner, Gandhi desistiu de se empenhar em qualquer tipo de desobediência civil à Inglaterra durante o período da Primeira Guerra Mundial. Todavia, a Guerra obrigou a Grã-Bretanha a fazer certas concessões políticas e a delegar alguns poderes à Índia, passos tanto necessários quanto apropriados num momento em que mais de um milhão de indianos estavam lutando sob o pavilhão do Reino Unido e mais de cem mil iriam perder a vida. Conforme Gardner aduz, os eventos em Ahmedabad, na Índia Central Ocidental, em 1918, foram centrais na formação do Mahatma (ou grande alma), como veio a ser chamado por seus compatriotas. Assim Mahatma Gandhi se tornou um grande símbolo em seu país, especialmente pelo fato de lutar por seus ideais e conquistas, demonstrando ao seu povo, sua garra e determinação, especialmente lutando por aquilo que entendia como justiça social.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, foi possível constatar que Gardner é um psicólogo e pesquisador que centra seus estudos na arte, na criatividade, nos processos criativos, na inclusão/exclusão, enfim, na cultura de um modo em geral. Suas pesquisas levam ao consenso de que as pessoas podem ser criativas em qualquer esfera da vida, ou seja, assim como não faz muito sentido um indivíduo ser considerado “esperto” ou “burro”, também o planejamento de testes que supostamente medem a criatividade são empreendimentos obsoletos na contemporaneidade.

As reflexões realizadas demonstram e confirmam que a criatividade perpassa assuntos por demais abrangentes, como as questões de classe, hierarquia, gênero, étnico-raciais e geracionais, dentre outras, as quais também estão na pauta de outras disciplinas. Seguindo essa lógica, constata-se que a seara da arte não é um conhecimento *light* nem, muito menos, despolitizado, pois, por meio dele, pode-se discutir questões importantes, como negros, mulheres, homossexuais, idosos e profissões consideradas marginais, periféricas e relegadas a um segundo plano. O processo criador é uma dinâmica contínua nos humanos, não apenas próprio de seres excepcionais.



XIX
Seminário
Interinstitucional
de Ensino, Pesquisa e Extensão

XVII
Mostra
de Iniciação Científica

XII
Mostra
de Extensão

I
Mostra
de Pós-Graduação



A visão mítica considera o talento genial um atributo divino e o artista, um semideus. Em certo sentido, ainda vivemos numa ditadura artística, num *apartheid* estético muito grande. Como estas são questões que estão na pauta da educação contemporânea, é relevante destacar, ainda, que a criatividade não é um atributo apenas das classes sociais mais favorecidas economicamente. Muito pelo contrário, a criatividade e a inventividade podem estar presentes em todas as ambiências socioculturais.

REFERÊNCIAS

GARDNER, Howard. **Mentes que Criam**: uma anatomia da criatividade observada através das vidas de Freud, Einstein, Picasso, Stravinsky, Eliot, Graham e Gandhi. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.